

IEPE

Texto
de
Luis Alberto de Abreu

CENA 1 - DE ONDE SE CONHECE UMA ESTRANHA ALDEIA E OS ESTRANHOS PERSONAGENS QUE NELA HABITAM.

ENTRA NÉLI E DEPARA COM IEPE RONCANDO EM PÉ NUM CANTO DO PALCO. IEPE, EMBORA EM PÉ, DORME E SE ESPREGUIÇA COMO SE ESTIVESSE EM SONO PROFUNDO NUMA CAMA. ESTE É UM CÓDIGO: SONO, DESMAIO E MORTE SÃO SEMPRE NA VERTICAL. NÉLI ENCARA O PÚBLICO DE MAU HUMOR E FALA COM EVIDENTE MÁ VONTADE.

NÉLI

Bem-vindos todos. Peço ao distinto público aqui presente que não se assuste com meu jeito, nem se surpreenda com meus modos. Sou assim mesmo, mal-humorada, raivosa, mal educada, e não tenho por que mudar! Não é nada pessoal, vejam bem, é que eu sou assim. Podia até ser gente bem mais importante que estivesse sentada, aí, nessas cadeiras que eu não mudaria uma vírgula do meu caráter! Estou muito contente com ele. Meu nome é Néli e não estou nem um pouco interessada em saber o nome de vocês! Não tenho nenhum prazer em conhecê-los porque isso aqui não é nenhuma reunião social e nem vim aqui para fazer amigos. Amigos, me bastam os que eu não tenho! Vim para contar a história de lepe e vocês aqui vieram para ouvi-la. E já que ninguém veio aqui amarrado vamos manter nosso relacionamento nesse nível que vai ser melhor pra todos! Isto posto, orelhas abertas que vou começar! (**IE-PE RONCA ALTO IRRITANDO AINDA MAIS NÉLI**)

Pra início de conversa, aquilo, que de longe não se distingue direito e de perto é bem pior do que se imagina, é o meu marido, lepe. É gente, acreditem, embora eu não tenha como provar. A senhora não teve gana de, pelo menos uma vez na vida, tocar fogo no seu marido? Eu tenho nos feriados e em todos os dias entre eles! E antes que esta história termine vocês vão me dar razão!

Era uma vez aquele, aquilo, um tralha, um inútil que nem servia pra troco de nota miúda, chamado lepe. O desgraçado era um beberrão, um enxuga-copo que só

respeitava a vara que Néli baixava em seu lombo quando ele precisava e quando ela não tinha coisa melhor a fazer.

NÉLI **(BATENDO EM IEPE COM A VARA)** Acorda e vai à cidade comprar sabão!

IEPE **(ACORDANDO E FUGINDO DAS VARADAS)** Ái, estou indo! Só preciso vestir minhas calças!

NÉLI Você podia ter vestido vinte calças desde a última vez que lhe chamei! Se voltar a dormir eu te corto de vara! Aqui tem uma moeda. Vai num pé e volta no outro que você tem duas horas para estar aqui!

IEPE Pelo amor de Deus, Néli! Como é que você quer que eu ande duas léguas em duas horas?

NÉLI Quem falou em andar, seu escorbuto?! Corra, imprestável! **(SAI.)**

IEPE **(SONOLENTO, IEPE FALA ENQUANTO SE DESPE .)** Assim começava o dia de Iepe. Diabo! Como é que um homem vem ao mundo uma vez só na vida e ainda se amarra com uma onça raivosa dessas? O povinho de beira de bosta daquele lugar dizia que só por muito amor ou muita estupidez. Como não existia no mundo quem se agradasse de um escorpião como a Néli diziam que a resposta era uma só! **(IEPE ACABOU DE TIRAR A ROUPA. SOB A ROUPA ELE ESTÁ NÚ MAS É UM NÚ DE FIGURINO, BASTANTE “GROTESCO” E BEM POUCO REALISTA, ALGO ABSURDO COMO PÊNIS RETANGULAR OU UMA NÁDEGA MAIOR QUE A OUTRA. POR UM INSTANTE IEPE ENVERGONHA-SE DE SUA PÚBLICA NUDEZ E SE COBRE COM AS MÃOS. DEPOIS, DESCOBRE-SE E DÁ DE OMBROS.)** Ah!, estamos entre amigos. Simpatizei com vocês e entre amigos não há lugar para frescuras! **(VI-**

RA-SE DE PERFIL E SEMPRE FALANDO COM O PÚBLICO, URINA NAS COXIAS.) Falando em estupidez lá vem o desgraçado do Cristovão. Dizem que ele é amante da Néli mas creio que é mentira. **(ACABA DE URINAR E VESTE-SE)** Um dia, no meio da Vila, peguei o Cristovão conversando com a Neli e imaginei que ela devia ser bem mais atraente do que imaginava ou que Cristovão fosse mais estúpido que eu. Desandei as idéias e mordido de ciúme, achei que era hora de virar homem. Me enchi de coragem, gritei, levantei poeira, encarnei o demônio o meio da rua! **(ANIMADO)** Ê, lasquera! Ei, que, na rua, eu era rei! **(MURCHANDO)** E a Neli me deu tanta varada que esvaziou minha coragem, baixou a poeira, acabou com a minha realeza e me desencarnou do demônio! E assim lepe seguiu sua vida burra: dia útil sova, feriado surra! **(NÉLI GRITA DOS BASTIDORES)**

NÉLI lepe!

IEPE Sim, querida!

NÉLI Minha outra bota está por aí?

IEPE Acho que sim, amor! **(VAI À COXIA, JUSTO NO LUGAR ONDE HAVIA URINADO, E VOLTA CARREGANDO UMA BOTA GOTEJANTE. PERCEBE A BOTA MOLHADA, DÁ-SE CONTA DO QUE ACONTECEU E VOLTA, RAPIDINHO, COLOCAR A BOTA NO MESMO LUGAR. RETORNA MEIO ASSUSTADO.)** Não está! Nunca esteve, meu anjo! **(CUIDA DE TERMINAR RAPIDAMENTE DE SE VESTIR. ENTRA CRISTOVÃO.)**

CRISTOVÃO E assim era lepe: Beberrão, estúpido e corno!

IEPE Beberrão e corno, sim! Mas não tão estúpido quanto Cristovão que nunca conseguiu uma única mulher na

aldeia e só lhe sobrou ser amante de uma tralha como Néli.

CRISTOVÃO Cristovão não era tão estúpido quanto lepe que tinha a Néli o tempo todo enquanto a Cristovão restava a melhor parte!

IEPE lepe não era tão imbecil quanto Cristovão que não percebeu que Néli não tinha parte melhor!

CRISTOVÃO Em compensação ninguém chamava Cristovão de corno!

IEPE Chamavam de incompetente que só conseguia roubar a mulher de um estúpido como lepe.

CRISTOVÃO Assim era lepe: tão tonto que achava que ser corno era uma vantagem.

NÉLI (**GRITA OFF**) lepe! Ainda não foi, bursite do meu cotovelo? (**ENTRA. TEM UM PÉ CALÇADO DE BOTA E OUTRO DESCALÇO.**) Alucinação da minha febre! Sai daqui, antes que eu desmiele sua cabeça!

IEPE Não saio!

NÉLI (**LEVANTANDO O BRAÇO**) Como é?

IEPE (**ENCOLHENDO-SE COVARDE**) Cristovão anda rondando muito nossa casa! O que há entre você e ele?

NÉLI Não faço com ele nada que faço com você!

IEPE Jura?

NÉLI (**EMPURRANDO IEPE PARA FORA**) Juro! E agora vai!

- NÉLI E lepe foi. E só no meio do caminho lembrou que ele e Neli não dormiam juntos há muito tempo. Então, ela e o Cristovão... (**REVOLTADO**) E sentiu o verme do ciúme lhe roer o coração. E quis voltar pensando que, se ele fosse outra pessoa, mais corajosa e com vergonha na cara, mataria os dois.
- CRISTOVÃO Mas lembrou que Néli ficava furiosa quando atrapalhavam o que estava fazendo. E ponderou que se ele fosse outra pessoa, moraria em outro lugar, não seria casado e provavelmente nem conheceria a Néli. E, satisfeito com o próprio raciocínio, deu de ombros e foi embora. (IEPE SAI)
- NÉLI Vou te estapear, me engalfinhar, me atracar com você, pisar nas suas unhas encravadas!
- CRISTOVÃO Espera um pouco, amor! Vamos combinar uma coisa antes que você se descontrole. Não vale enfiar dedo no olho, mordida, arrancar cabelos, golpes na região baixa, nem usar soco inglês!
- NÉLI Não prometo nada!
- CRISTOVÃO Então vou embora!
- NÉLI Você não é homem prá isso!
- CRISTOVÃO Da última vez você comeu metade da minha orelha!
- NÉLI E, por acaso, você não gostou?
- CRISTOVÃO (TERNO) Gostei mas é que dá muito na vista andar por aí com metade de uma orelha. Todo mundo repara.
- NÉLI Então hoje vou te arrancar um naco do peito a dentadas!

- CRISTOVÃO Você fala isso só pra me agradar. (**EMOCIONADO DE AMOR**) Você me entenece, me emociona!
- NÉLI Vocês podem não acreditar mas era muito estranho o povo daquele lugar. (**SAEM. NÉLI, À SAÍDA, PODE DAR UM PESCOÇÃO EM CRISTOVÃO.**)
- CRISTOVÃO Você vai usar arco de pua como da penúltima vez?

CENA 2 - DE COMO, ANTES DE CHEGAR NA VENDA DE JARÓ, IEPE DESCREVE OS SINGULARES HABITANTES DAQUELE LUGAR.

(IEPE CAMINHA.)

- IEPE E assim Iepe seguiu para a aldeia para comprar sabão. E durante o caminho foi pensando em como era estranho aquele lugar e as pessoas mais estranhas ainda. Era um lugar sem lei, sem tino e sem tampo. Havia criadores de cachorro-louco, mortos que queriam voltar à vida, macacos que escreviam leis absurdas que ninguém cumpria. E eram muito bem pagos porque as pessoas tinham medo que escrevessem leis que as obrigasse a cumprir as leis que escreviam. Agora, o mais estranho de tudo é que do outro lado daquelas montanhas, ali, na direção do galho torto daquela árvore, existe uma aldeia de gente muito inteligente que vende e aluga a própria cabeça. Se vocês forem lá, vão ver os corpos descabeçados andando pela aldeia, sem ter o que fazer. Alguns tornaram-se altos funcionários públicos e todos sabem surfar e passar o dia inteirinho em shoppings. (**ENTRA JARÓ VENDEIRO COM SEU BOTEÇO.**)

JARÓ Bom dia, Iepe.

IEPE Bom dia, Jaró. Você vai ser minha testemunha. Não é verdade que existe gente que aluga a própria cabeça por um dinheirão?

JARÓ É, Iepe!

IEPE Eu mesmo estou pensando em ir pra lá e alugar minha cabeça.

JARÓ Seu crânio como vaso de flor e o cérebro como adubo!
(**RI**) O que vai beber?

IEPE O de sempre.

JARÓ Tem dinheiro?

IEPE Claro que tenho. Serve que depois eu pago.

JARÓ Paga que depois eu sirvo.

IEPE (**IRRITADO**) Diabo! Toda vez é isso! Eu já deixei de lhe pagar alguma vez?

JARÓ Não, mas alguma vez eu já lhe servi antes que você me pagasse?

IEPE O dinheiro não é meu, Jaró, não posso gastar!

JARÓ A bebida não é sua, Iepe, não pode beber!

IEPE É da Néli. Me deu duas moedas prá comprar duas pedras de sabão.

JARÓ Fala prá Neli que você perdeu uma moeda, que perdeu uma pedra de sabão ou que o sabão custou o dobro do

preço. Se você fosse a Néli não acreditaria nessa história?

IEPE Eu acreditaria se fosse ela, mas ela é ela e não é tão idiota quanto dizem que eu sou. E, depois, se eu fosse ela, ela seria eu e, assim sendo, eu que seria ela não gostaria de beber, não estaria aqui, e nem precisaria inventar essa história estúpida de perder moeda. E mais! Se eu fosse ela, eu estaria lá em casa fazendo com o Cristovão coisas que... que... **(RESSABIADO IMAGINA-SE NO LUGAR DE NÉLI)** Desfaz tudo, Jaró! Eu sou eu, Neli é Neli! E ela vai me surrar em dobro se eu voltar com metade da encomenda.

JARÓ E ele nem começou a beber! Quer saber, lepe? Você é um ingrato. De mim que sou seu amigo você quer estorquir bebida fiado. Porque não me paga a bebida de uma vez e vai pedir fiado para o vendedor de sabão?

IEPE É uma boa solução. **(PÕE UMA MOEDA NO BALCÃO. JARÓ PEGA A MOEDA E SERVE A BEBIDA. IEPE BEBE DE UM SÓ GOLE.)** Isso vale uma varada da Neli. Pena que ela vai me dar no mínimo uma dúzia.

JARÓ Bebe mais um copo. Aí, ficam seis varadas por dose.

IEPE Não posso. Me dê o meu troco.

JARÓ Deixa a vida correr, lepe. Bebe porque eu lhe juro que não tenho troco. **(COMEÇA A ENCHER O COPINHO)**

IEPE Não, condenado! Não enche meu copo que eu bebo! **(JARÓ ENCHE E IEPE BEBE.)**

JARÓ Vamos baixar o custo-benefício da bebida: quatro varadas por dose.

- IEPE Ai, meu lombo! (**JARÓ ENCHE O COPO DE IEPE.**) Não faz isso, Jaró, que você me desgraça! (**IEPE FAZ CARA DE CHORO, TOMA DO COPO E BEBE.**) Eu vou me perder! Agora, chega, Jaró! Sou um homem que sei quando parar.
- JARÓ Você manda. Mas ainda tem direito a uma saideira.
- IEPE (**DECIDIDO**) Não! Sabe, Jaró, se eu conseguisse alugar uma cabeça mais inteligente a primeira coisa que eu faria era pensar num jeito de me livrar da Néli. A segunda coisa era comprar essa sua venda e me encharcar até sair pelos ouvidos. Ô, coisa boa! Desce rasgando e sobe amortecendo!
- JARÓ Prá alugar uma boa cabeça é preciso dinheiro, coisa que você nunca vai conseguir com essa porcaria de cabeça que tem! Agora, ou você bebe a saideira ou deixa o troco de caixinha.
- IEPE E vou lá deixar uma dose que vale quatro varadas da Néli de caixinha? Põe aí! (**JARÓ SERVE. IEPE BEBE.**) E agora some da minha vista! Eu ainda sou um homem!
- JARÓ Tem certeza?
- IEPE Não bebo mais! (**RECONSIDERA**) Por hoje. (**RECONSIDERA**) Por agora. Desaparece, demônio!
- JARÓ Se desistir do sabão eu estou por perto! (**SAI. IEPE FICA SÓ.**)

CENA 3 - A REVOLUÇÃO DAS PARTES.

IEPE

A cabeça de lepe não era muito inteligente mas era decidida e resolveu que o resto do corpo devia rumar direto para a aldeia para comprar o sabão. (**IEPE COMPÕE UMA POSE CORAJOSA E SEGUE CAMINHO.**) Acontece, no entanto, que a barriga de lepe tinha vida própria e resolveu que o melhor era voltar e tomar mais uma. (**IEPE FAZ A CURVA E VOLTA COMO SE FOSSE PUXADO POR SUA PROEMINENTE BARRIGA.**) Contra essa última decisão se revoltou sua bunda que era quem sempre pagava com varadas a irresponsabilidade da barriga. E apoiou a cabeça de lepe em sua decisão de ir para a aldeia. (**AOS TROPEÇOS, EM MARCHAS E CONTRAMARCHAS IEPE VAI À FRENTE.**) Inferiorizada em número, a barriga pediu ajuda às pernas. No entanto, apenas uma delas veio em seu socorro. (**UMA PERNA SEGUE DE UM LADO E A OUTRA TENTA CAMINHAR DO OUTRO. O MOVIMENTO DE IEPE, AGORA, É DE UM BÊBADO COMPLETO.**) Isso, sem falar dos braços, cada um deles tomando um partido. (**DESESPERADO**) Socorro! Sou prisioneiro de uma guerra dentro de mim mesmo! (**DECIDIDO**) Sou um homem e um homem segue sua cabeça! (**A CUSTO E COM PASSOS BÊBADOS, IEPE VAI SE DIRIGINDO À SAÍDA. IEPE PARA.**) Mas, porém, todavia uma parte da cabeça de lepe deu de imaginar o líquido borbulhante caindo no copo, o comichão rascante da bebida descendo pela garganta, a catarata alcoólica precipitando-se pela faringe e espalhando-se pela barriga, e, finalmente, os cálidos vapores do álcool subindo e tontecendo. A bunda de lepe chorou, pediu, implorou mas ele decidiu: só mais uma! Depois eu sigo! Jaró! Abre essa desgraça!

CENA 4 - DESGRAÇA POUCA É BOBAGEM

- JARÓ (ENTRANDO COM SEU BAR) Já comprou o sabão, lepe?
- IEPE Não quero pensar! Põe uma dose!
- JARÓ É prá já! (**NÃO SE MEXE**)
- IEPE Que é? Põe!
- JARÓ Paga!
- IEPE Vai começar tudo de novo! Eu sou seu melhor freguês!
- JARÓ E eu sou seu melhor fornecedor!
- IEPE Se eu parar de beber nessa porcaria você vai à falência!
- JARÓ Se eu vender fiado pra você eu também vou!
- IEPE Está bem, não quero mais beber! Vou embora! Eu nem devia ter vindo! Vou comprar meu sabão que ganho mais. Você é um miserável mesmo, um munheca! Vou pegar estrada! Adeus! (**NÃO CONSEGUE SUSTENTAR A POSE**) Põe uma pelo anel de magalão, pelo filho do parturião!
- JARÓ Não, lepe. Não quero ser responsável por lhe arrastar a um novo vício: beber sem pagar.
- IEPE Você é um canalha, um patife! Socrancão!

- JARÓ (FALSAMENTE ENFURECIDO) Quer saber, lepe! Pois, agora, nem pagando eu vendo mais bebida prá você! Adeus! (FAZ MENÇÃO DE SAIR)
- IEPE (REVOLTADO) Como é que não vende? E os meus direitos? Se eu pago você tem de vender sim, senhor! (BATE A MOEDA EM CIMA DO BALCÃO.) Está aqui o dinheiro! (JARÓ PEGA O DINHEIRO E SERVE) Como é que não vende?! Se eu pago você tem de vender!
- JARÓ Você tem razão, desculpa!
- IEPE Isso é bom! (PERCEBE O QUE FEZ) Agora nem um sabão eu vou poder levar para a Néli. Ah, meu Deus! Minha vontade é de não beber nunca mais. Ou pelo menos por um mês. Ou por hoje. Jaró, põe logo outra pra ver se essa vontade desgraçada passa! (JARÓ SERVE, IEPE BEBE.)
- JARÓ Você precisa dar um jeito na vida, lepe! É uma vergonha a maneira como você apanha da Néli.
- IEPE Existem muitos mistérios na vida, Jaró. E um deles é aquela desgraçada ter nascido com o braço tão forte! (CHORA) Põe mais uma pra eu esquecer o que me espera. (JARÓ SERVE) Alguma coisa me diz que um dia minha vida muda, Jaró! Eu vou pegar a Néli e bater tanto... Se ela me aparecesse agora, aqui, na nossa frente, com aqueles olhos esbugalhados de raiva, gritando de espantar lobisomem das redondezas... Me olhando com aqueles olhos... Põe mais uma Jaró que eu ainda estou com medo! (JARÓ SERVE)
- JARÓ E lepe bebeu, bebeu, bebeu até não agüentar mais. Minto! Bebeu até acabar o dinheiro porque não vendo bebida fiado nem se for pra remédio.

- IEPE Agora não tenho mais medo da Néli. E, depois, se vou apanhar mesmo só vou me preocupar quando chegar a hora. Jaró, dá pra embrulhar uma dose pra viagem?
- JARÓ Não, lepe!
- IEPE Então vou tomar aqui mesmo. (**RI DA PRÓPRIA PIADA**)
- JARÓ Acho que não. Acabou seu dinheiro.
- IEPE E eu não tenho mais nem um centavo. Você podia...
- JARÓ Não.
- IEPE Aceita cartão?
- JARÓ Adeus, lepe. Volte sempre que tiver dinheiro. (**SAI**)
- IEPE Jaró! Vem cá! Me diz pelo menos onde é que eu estou! Me põe na direção de casa e me dá um empurrãozinho! Desgraçado! (**CAMBALEIA. FALA COM AS PERNAS.**) Fiquem paradinhas. Isso. Agora, vamos naquela direção. (**TENTA ANDAR MAS CAMBALEIA E DÁ UNS PASSOS EM OUTRA DIREÇÃO.**) Está bem, vocês devem saber o caminho melhor que minha cabeça. (**CAMINHA CAMBALEANDO. PARA E DORME ENQUANTO FALA**) E lepe caiu na beira do caminho e dormiu.

CENA 5 - O INÍCIO DE UMA PERIGOSA BRINCADEIRA

(ENTRA O BARÃO SEGUIDO DE SEU SECRETÁRIO GREGARÃO E SEU SERVIÇAL, CALABRAU.)

- BARÃO Havia naquele lugar um barão que era dono das terras, plantações e de tudo que tinha nelas, com exceção das

peessoas, porque parece que naquele lugar não era muito lucrativo ser dono de gente.

GREGARÃO Tinha um secretário chamado Gregarão.

CALABRAU E um empregado chamado Calabrau.

GREGARÃO Esse Calabrau era a pior espécie de puxa-saco, lambe-botas, baba-ovo, adulão, cheira-cheira que já existiu no mundo.

CALABRAU Questão de ponto de vista! Calabrau achava a bajulação uma arte. E tanto mais qualidade artística tinha a bajulação quanto mais inspirador fosse o bajulado. Se elogio tanto o barão é porque sua conduta, seu porte e sua inteligência me inspiram.

BARÃO Ocorre que por uma coincidência acidental, casual e absolutamente fortuita, sem a qual esta história não teria prosseguimento, o barão veio passear justamente por aquele mesmo caminho onde Iepe estava mamado, dormindo como um anjo bebum. Que é aquilo?

GREGARÃO É Iepe, mais bêbado do que de costume.

BARÃO Que podemos fazer com ele?

CALABRAU Excelente idéia, senhor!

BARÃO Não tive idéia nenhuma.

CALABRAU Mas vai ter, com certeza, uma excelente! E se não tiver nós teremos porque o senhor merece. A gente podia colocá-lo num caixão e fazer com que acorde no próprio velório ao lado da Néli. Ele não vai saber se prefere abrir os olhos e apanhar da Néli ou continuar morto.

BARÃO É bom mas vamos pensar em algo melhor.

- CALABRAU Eu sabia que minha idéia não ia passar pelo vosso apurado senso crítico!
- GREGARÃO A gente podia levá-lo para o palácio, vesti-lo com a roupa do barão e colocá-lo na sua cama. E quando ele acordar podemos convencê-lo de que ele é o próprio barão.
- BARÃO E como vai fazer isso?
- GREGARÃO Deixa comigo, senhor. O que sobra do miolo dele está encharcado de álcool. E, depois, as pessoas acreditam fácil nas boas coisas.
- BARÃO O que acha, Calabrau?
- CALABRAU Com todo o respeito, senhor, se essa idéia lhe trazer alegria, acho excelente. Se der alguma coisa errada acho que deve mandar enforcar o Gregarão!

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

IEPE ACORDA E OLHA EM VOLTA. POUCOS ELEMENTOS INDICAM O LUXO DO CASTELO DO BARÃO: UM CANDELABRO, UMA CORTINA DE TULE CRAVEJADA DE STRASS, COISAS MUITO SIMPLES. O FAUSTO E A RIQUEZA SÃO DADOS A PARTIR DE POUCOS SIGNOS. IEPE OLHA TUDO RESSABIADO.

IEPE

Delirium tremens! E da melhor qualidade que já tive! Nenhum jacaré, nem lagartixa, nem aranhas, nem a cara da Néli. O Jaró está melhorando a qualidade da sua bebida. **(PERCEBE SUAS ROUPAS FINAS, TOCA O BARRETE DOURADO QUE TEM NA CABEÇA.)** Mas que diabo de lugar é esse? **(CHAMA LEVEMENTE COM UMA VOZ MEDROSA.)** Néli! Néli! Eu acho que estou no céu, Néli! Mas será que sou eu mesmo? Minha bunda ainda dói das últimas varadas da Néli. Então, eu ainda sou lepe. Mas que, diabo, faz um tabaréu, um caburé, um pisador de bosta como eu num palácio desses? Se sou eu e eu existo, então, o que não existe é esse palácio. E, então, eu estou dormindo na minha cama sebosa e sonhando que estou acordado dentro de um palácio. É isso! Então, calma, que é só esperar acordar. Acordar e ver a cara e a vara da Néli e o casebre miserável onde eu sempre vivi. Não! Eu quero continuar dormindo e mato o desgraçado que me acordar! **(FECHA OS OLHOS E DORME FELIZ. ABRE OS OLHOS.)** E se não estou dormindo? Então é capaz que eu esteja morto. **(ROMPE EM SOLUÇOS)** Bebi até estourar na venda do Jaró. Agora estou lá no meu casebre, estendido em cima da mesa, durinho, com algodão enfiado no nariz. Chora, agora, Néli, desgraçada! Isso é remorso pelas surras que me deu, sua peste! Eu era um homem tão bom! Mas por que estou chorando? **(ALEGRE)** Eu estou no céu e o que eu devo fazer é aproveitar toda essa beleza. **(TRISTE)** Pelo menos até quando o responsável pelo transporte dos mortos perceber que me trouxe para o lugar errado. Porque, eu no céu, só pode ter sido engano! Ai, que sede! Ressaca brava! Mas... espera aí! Que eu saiba, no céu ninguém sente sede nem fome! **(APAVORADO)** Estou no inferno! Vou curtir sede e ressaca por toda a eternidade e o pior: nunca mais vou beber! Mas quando foi o julgamento e a condenação da minha alma? Será que me julgaram quando eu estava dormindo de bêbado? E pode? Sem direito de defesa? Que esculhambação! Mas se

estou no inferno, “quede” os demônios? (**TOCA-SE**) E se estou morto e meu corpo está sendo velado lá na terra, de quem é este corpo? Tenho dois corpos? Só se o que está sendo velado é o corpo de outro. Mas, estão, eu não morri. Ou este que está aqui não sou eu. Ou estou completamente louco. Ou estou ainda dormindo e sonhando que acabei de acordar e percebi que estou morto. Ou estou vivo e esse palácio... Ou... Ou... O... O... Ooo!! Socorro! Socorro!

CENA 2 - QUEM É IEPE?

ENTRA GREGARÃO.

GREGARÃO Bom dia, excelência! Aqui estão suas roupas se quiser levantar. Calabrau! Traz uma toalha e uma bacia!

IEPE Já estou me levantando, senhor, e vou rapidinho pro meu buraco se o senhor não me bater. Desculpa qualquer coisa, aí!

GREGARÃO Eu nunca poderia levantar minha mão contra o senhor!

IEPE Nesse lugar não é costume açoitar os condenados antes de enforcar? Eu agradeço. Mas antes de me pendurar na corda o senhor pode me dizer quem eu sou?

GREGARÃO Como? O senhor não sabe quem é?

IEPE Bem, até ontem eu sabia que eu era lepe, um Zé bosta, um miserável que tinha uma casinha miserável e uma mulher mais miserável que os dois juntos! Hoje... O que é que estou fazendo aqui? Ou o que está fazendo todo esse palácio ao redor de mim?

GREGARÃO O senhor acordou de bom humor hoje, meu barão.

- IEPE Eu? Barão? O senhor está louco? Eu sou lepe e se não acredita manda chamar minha mulher, Néli, que ela confirma.
- GREGARÃO Que o senhor está falando? Acho que ainda não acordou.
- IEPE Se estou acordado ou não eu não posso dizer, mas dormindo ou acordado eu sou lepe, um camponês bosta-rala e nunca fui um barão ou conde na minha vida. Nem dormindo nem acordado.
- GREGARÃO Calabrau! (**ENTRA CALABRAU**) Acho que o barão está doente. Não está reconhecendo ninguém.
- CALABRAU É verdade, senhor?
- IEPE Nunca vi nenhum de vocês na minha vida!
- CALABRAU Isso é um pesadelo! Eu estou sonhando!
- IEPE Não complica mais a coisa: quem está sonhando sou eu. Se não é sonho, então eu estou acordado e não posso ser lepe porque sou rico e barão. Se sou rico e barão eu quero que vocês sumam de minha frente!
- CALABRAU O senhor não perdeu sua brilhante inteligência. Beleza de raciocínio!
- GREGARÃO Não se irrite, senhor, mas não podemos deixá-lo sozinho.
- IEPE Eu só quero sair daqui e voltar para o meu buraco.
- GREGARÃO Os sintomas estão piorando. Calabrau, chame um médico!

CALABRAU Vou trazer mais de um porque a coisa está brava. (**CALABRAU SAI**)

CENA 3 - IEPE É CONVENCIDO DE QUE É BARÃO

GREGARÃO O senhor não me reconhece mesmo?

IEPE Se não conheço nem a mim mesmo como posso conhecer você? Eu até gostaria de conhecê-lo porque prefiro ser um barão sonhando do que um virabosta acordado. Que é que você faz, meu senhor?

GREGARÃO Sou seu secretário.

IEPE Sei, sei... Mas o que faz um secretário?

GREGARÃO Secretaria.

IEPE É claro! Um barão baroneia, um camponês camponeia, médico medica, Néli surra e lepe bebe. Até ontem estava tudo certo no lugar certo. (**CHORA**) Hoje, eu sei que sou lepe, o senhor diz que eu sou barão. Mas eu sendo lepe, sei que sempre fui um idiota. Então é capaz que o senhor, bem mais inteligente que eu, tenha razão.

GREGARÃO É exatamente isso, senhor.

IEPE Mas se o senhor tem razão e eu sou de fato o barão, então eu não sou um idiota, sou mais inteligente que o senhor.

GREGARÃO Sim, senhor. Muito mais inteligente!

IEPE (**CHORA MAIS**) Aí é que está! Se sou mais inteligente você está errado quando diz que eu sou barão. Isso quer dizer que eu sou lepe.

- GREGARÃO Mas se esse tal lepe é burro o senhor não pode ser ele.
- IEPE Não, mas... mas... (**CHORA MAIS**)
- GREGARÃO E lepe chorou porque quando o ser humano não consegue responder racionalmente a questões fundamentais só lhe resta como alternativa as lágrimas que são inúteis mas que consolam. Donde se conclui que o ser humano é tão carente de respostas que até as coisas inúteis são necessárias. Perceberam como isso é profundo? Guardem isso que a gente pode até aprofundar essa reflexão em outra ocasião. Mas, lepe chorou porque não sabia mais quem era. Chorou mais porque tinha medo de ser lepe e ter de enfrentar as varadas de Néli. (**IEPE CHORA MAIS.**) E chorou mais porque tinha medo de ser outra pessoa da qual ele nada sabia. Chorou, (**IEPE CHORA**) chorou mais, (**IDEM**) chorou mais ainda... (**IDEM**)
- IEPE (**ALGO IRRITADO**) Chega de choro, né?!
- GREGARÃO Chorou até chegarem os médicos. (**PAUSA. OLHA PARA OS BASTIDORES.**) Que ainda não chegaram.
- IEPE (**APÓS BREVE PAUSA E TROCA DE OLHARES**) E lepe e Gregarão, sem terem o que fazer ficaram esperando a chegada de Calabrau com os médicos.
- GREGARÃO Você podia chorar mais um pouquinho. (**IEPE/ATOR RI**) Dar mais um pouco de carga dramática enquanto a gente espera. (**ENTRA CALABRAU E MÉDICOS**)
- CALABRAU Desculpe o atraso, era o meu dia de rodízio! (**Ednaldo essas cinco últimas falas de metateatro ficam a seu critério. Se não achar interessante suma com elas!**) Calabrau trouxe três médicos. O primeiro deles um famoso alopata, cirurgião especializado em trinchar, ser-

rar, puncionar, pós-graduado no exterior em corte e sutura.

ALOPATA Onde eu vou cortar? Primeiro eu corto depois o senhor toma dois tetrex duas vezes ao dia.

GREGARÃO O problema dele é a memória, doutor.

ALOPATA Então, tome três tetrex duas vezes ao dia!

GREGARÃO O segundo era um médico naturalista, especializado em ungüentos, chás, vomitórios e lavagens intestinais de vários tipos e espécies.

NATURALISTA O que deve ter havido foi uma congestão intestinal de caráter gasoso a qual impedindo que a pressão interna dos intestinos fosse aliviada pelo canal competente, provocou uma reversão tal que a aca dos gases forçaram entrada na corrente sangüínea e por aí chegaram até o cérebro onde seus fortes odores desandaram a memória do senhor barão.

IEPE E isso é mau, doutor?

NATURALISTA Muito. Mas pior seria se a congestão intestinal fosse de caráter pastoso de tal forma que os sedimentos fecais se depositassem no interior de sua cabeça. O melhor tratamento é um feroz purgativo que, aliviando os tubos intestinais e digestivos, consiga extrair os gases do cérebro e os conduza de volta ao sistema circulatório e daí aos intestinos e, por fim, os expulsem sob a forma de pum!

CALABRAU O terceiro era um famoso hipnotista e terapeuta de vidas passadas que havia, inclusive, se pós-graduado em terapias de outras eras num curso por correspondência psicográfica! Foi aluno de Paracelso, Galeno, Hipócrates e dr. Fritz.

TERAPEUTA Não concordo nem com o diagnóstico nem com o tratamento. O problema todo está em um trauma contraído quando o barão foi odalisca na corte do califa Harum Al-Raschid.

ALO/NATURALISTA O barão foi odalisca?!

TERAPEUTA E das mais sem-vergonhas!

ALOPATA Absurdo! Eu só acredito no que meu bisturi pode cortar.

NATURALISTA Um vomitório e um purgativo é o melhor para extrair os maus humores do corpo.

TERAPEUTA Concordo com os senhores mas como é que se pode cortar uma doença de tempos atrás? E como pode um purgante tomado agora aliviar os intestinos de alguém que viveu em eras passadas?

GREGARÃO Não seria bom ouvir o paciente?

ALOPATA Ouvir o paciente? É um procedimento meio estranho mas como ele é barão...

NATURALISTA Como tem passado?

IEPE Como camponês não tenho passado muito bem, não. Néli tem me batido muito e tenho bebido pouco. Como barão a única coisa que sei é que penso ser camponês.

TERAPEUTA Um caso típico. O barão com certeza foi camponês em alguma vida passada. E, agora, o camponês que ele foi pretende tomar o corpo do barão.

ALOPATA Tem certeza?

TERAPEUTA Absoluta.

- NATURALISTA Sempre esses camponeses! Quando vivos querem terra, quando morrem querem o corpo.
- ALOPATA Isso é sério. E requer solução cirúrgica! (**CALABRAU E GREGARÃO PREPARAM OS INSTRUMENTOS E A OPERAÇÃO PARA TERROR DE IEPE.**) É preciso separar o barão do camponês. Mas como?
- NATURALISTA Se um purgativo pode sugar os gases do cérebro, é bem capaz de atrair alma do camponês e evacuá-la pelo terminal dos intestinos. (**IDEM**)
- ALOPATA Vale a pena tentar.
- TERAPEUTA O problema é que nosso paciente ora é barão e ora é camponês.
- NATURALISTA Bem lembrado. Percebe como o caso é grave, senhor? Podemos lhe dar o purgativo mas existe o perigo de o senhor obrar o barão e ficar o camponês.
- ALOPATA E se fica o camponês o senhor vai ser expulso deste castelo.
- IEPE E vou voltar pra Néli?
- TERAPEUTA Certamente. Quem o senhor decide ser?
- IEPE O barão tem mulher?
- NATURALISTA Não, mas pode ter aquela que quiser.
- IEPE Está em guerra com outros barões?
- ALOPATA Há dez anos o feudo está em paz!
- IEPE Bebe-se alguma coisa neste castelo?

- GREGARÃO Tudo o que o senhor quiser, na quantidade que quiser.
- IEPE Sou o barão! (**ABRE A BOCA E DESPEJAM NELA O PURGATIVO.**) Depois que lepe bebeu fez-se silêncio como no universo antes da criação. Depois ouviu-se um ronco, um estrondo, um rugido na barriga de lepe. (**IEPE FAZ CARA DE CÓLICAS**) E agora, com sua licença, eu preciso... preciso! (**SAI SEGUIDO PELOS MÉDICOS.**)
- CALABRAU Dizem que lepe obrou duzentas e trinta e cinco carroças cheias até o tampo, encheu seiscentos e oitenta barris de oitenta litros e dois corotes de quinze, completou mil e setecentos galões, preencheu quatrocentas e setenta latas de margarina de quinhentos gramas e uma latinha de extrato de tomate.
- GREGARÃO Isso no primeiro fluxo. No segundo fluxo, sem recipientes que pudessem contê-la, a enxurrada do barro deslizou pelo morro e cobriu o vale e plantações até a altura de um metro e meio. Um velho morreu afogado por não achar ninguém que lhe fizesse respiração boca a boca.
- CALABRAU lepe verteu lágrimas e obrou até a alma. (**ENTRA TERAPEUTA**)
- TERAPEUTA Uma alma só, não! Botou fora a alma do camponês, da odalisca, de um legionário romano, de um escravo grego e de quatro ou cinco assírios de diversas épocas!
- GREGARÃO E no sétimo dia lepe descansou. E tudo aquilo foi bom porque, no ano seguinte, comemorou-se a melhor colheita da história do lugar.

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

CENA 1 - DE COMO IEPE APRENDE A SER BARÃO.

CALABRAU E foi assim, por brincadeira, que Iepe tornou-se barão e senhor de todas as terras ao redor.

GREGARÃO Ninguém reclama que o ouro é pesado ou que dinheiro ocupa muito lugar em casa. Foi por causa disso que Iepe se convenceu rapidinho que era, de fato, barão.

IEPE Olhou suas terras a perder de vista e gostou daquilo. Olhou seus empregados e logo se acostumou a vê-los de cima. Vocês são tudo subalternos! Só não mando vocês se coçarem com urtiga por que estou sem vontade! Que é que está fazendo parado, aí?

GREGARÃO Esperando suas ordens senhor.

IEPE **(PAUSA. POR UM INSTANTE IEPE FICA CONFUSO)**
Minhas ordens? E que ordem você deve esperar de mim?

GREGARÃO Não sei, senhor!

IEPE Incompetente! O que é que eu faço diariamente a essa hora?

GREGARÃO Bebe...

IEPE Ótimo!

GREGARÃO Chá.

IEPE Chá?

GREGARÃO De losna, com carqueja e boldo.

IEPE Isso toma a tua mãe para esquecer como é que se põe um filho tão desgraçado no mundo! De hoje em diante eu bebo vinho.

GREGARÃO Que tipo de vinho, senhor?

IEPE Do tipo bastante. Você deve saber que vinho eu gosto. (**PARA CALABRAU.**) De joelhos!

CALABRAU (**CAINDO DE JOELHOS**) Por que, senhor?

IEPE Pra você não esquecer quem é que manda! E prá eu não perder o jeito de mandar. (**PARA GREGARÃO E você?! (INDO FURIOSO PARA CIMA DE GREGARÃO QUE RECUA)** Tralha, treco, traste, trolha, tibes! Sujei-tinho verrumado das idéias! Vontade minha é destorcer seu pescoço! Descer a guasca em seu lombo até gastar o couro do relho! (**CALMO**) Fala alguma coisa. (**ORDENA**) Fala que eu estou mandando!

GREGARÃO Posso ir...

IEPE (**FURIOSO**) Cala a boca! (**FELIZ CONSIGO MESMO**) Ah!, isso é bom! (**CALMO, ESTALA OS DEDOS.**) Traz meu vinho, por favor. Se eu soubesse que ser barão era tão bom nunca teria enfiado na cabeça essa idéia de ser camponês! (**PARA CALABRAU**) Que é isso aí no teu dedo?

- CALABRAU É um anel que o senhor me deu.
- IEPE Não me lembro, me dê de volta. Eu devia estar bêbado pra fazer isso. Mais tarde vou revistar suas coisas para ver o que mais te dei. Servos não deviam ter mais nada do que comida e salário. Eu sei porque já fui servo e penei feito um condenado.
- CALABRAU É uma razão para os senhor ter dó de seus empregados.
- IEPE Eu tinha. Tinha dó de todos os empregados, principalmente de mim. Achava que os empregados e servos mereciam muito mais do que o muquirana do barão lhes pagava. Mas não adiantava ter dó porque eu era só um servo e nada podia fazer.
- CALABRAU Agora o senhor pode. Me devolve o anel.
- IEPE Mas agora eu sou barão, devo agir como barão. Não devolvo nada. **(PARA GREGARÃO)** Aliás, quanto você ganha de salário?
- GREGARÃO Duzentas moedas por ano.
- IEPE Uma bosta! O que você faz para ganhar duzentas moedas? Eu que sou eu tenho de trabalhar feito uma besta rombuda, pisar esterco de manhã até a noite para ganhar um “cincoengésimo” disso! Se eu disser pra Néli que vou lhe pagar isso ela me corta de vara... Ai, que estou tendo alucinações de camponês novamente. Cadê meu vinho? Estou com ressaca e desidratado depois daquela cagalhada toda. **(CALABRAU DÁ-LHE O VINHO. IEPE O BEBE.)** Muito bom! Aplaudam o vinho! **(GREGARÃO E CALABRAU APLAUDEM O VINHO)** Mais!

- CALABRAU *(ENQUANTO PEGA MAIS VINHO)* Calabrau ficou bastante preocupado com a rápida transformação de lepe e resolveu discutir o assunto com Gregarão.
- IEPE E, enquanto Calabrau discutia com Gregarão, lepe passou a se inteirar da situação de seus domínios. *(SAI)*
- GREGARÃO Mas meio da discussão sobraram palavras ofensivas à suposta profissão da mãe de Gregarão. Este fez-lhe um pedido verbal para que não colocasse sua progenitora no meio da questão, caso contrário ele, Gregarão, também se julgaria no direito de ameaçar colocar outra coisa no meio, não mais da questão, numa solerte insinuação de conluio amoroso com a progenitora de Calabrau.
- CALABRAU Ao ouvir tão doudas palavras, Calabrau bradou: “Filho...”
- GREGARÃO Mas não chegou a completar o chulo, o grosseiro, o baixo calão porque recebeu um trompaço bem merecido pelo meio da fuça...
- CALABRAU Bem merecido é por sua conta, sua besta, porque a idéia de jerico de fazer essa brincadeira com aquele paspalho foi sua. Eu quero meu anel de volta.
- GREGARÃO *(RI)* Vai pedir ao barão!
- CALABRAU Vou. Mas antes eu vou enfiar esta mão inteira nos dois buracos do seu nariz.
- BARÃO Os dois engalfinharam-se numa violência tão inaudita, insólita e primitiva que nos recusamos a representar aqui. Brigaram por horas até serem separados pelo barão, o verdadeiro.
- CALABRAU Olha o que estou falando: essa coisa ainda vai acabar mal.

BARÃO

Nada. É só encher a besta de vinho até ela cair.

**CENA 2 - DE COMO IEPE MANDA ENFORCAR O BARÃO,
ROUBA A MULHER DO TESOUREIRO E DO QUE SUCEDE A
SEGUIR.**

(IEPE ENTRA BERRANDO FURIOSO.)

IEPE

Cadê o vinho que eu pedi?

CALABRAU

Está aqui, senhor. *(IEPE BEBE.)*

IEPE

Onde está meu tesoureiro? Quero vê-lo, agora. *(GREGARÃO SAI)*

BARÃO

Porque?

IEPE

Primeiro, que não é da sua conta. Segundo, quem é o senhor?

BARÃO

Sou seu hóspede.

IEPE

Terceiro que você **era** meu hóspede. Amanhã, junta seus panos de bunda e vai procurar outro lugar pra parasitar. Desse jeito meu patrimônio se vai como desintaria. *(ENTRA O TESOUREIRO. IEPE O OLHA ATENTAMENTE)*

IEPE

Você é meu tesoureiro? *(TESOUREIRO ASSENTE COM A CABEÇA)*

TESOUREIRO

Alguma ordem, senhor?

IEPE

Só que você deve ser enforcado.

TESOUREIRO Eu não fiz nada, meu senhor. Tenho servido o senhor honestamente por todos esses anos.

IEPE Quanto é que você ganha?

TESOUREIRO Cinquenta moedas por ano.

IEPE Vai ser enforcado sem apelação! Sem choro nem vela!

TESOUREIRO Eu trabalho duro para ganhar esse dinheiro.

IEPE E é por isso mesmo que você vai ser enforcado. Como é que conseguiu comprar esse casaco de seda com botões de prata ganhando cinquenta moedas por ano? Você está me roubando!

TESOUREIRO Pela minha mulher e meus filhos não me mate!

IEPE Quantos filhos você tem?

TESOUREIRO Sete.

IEPE Sete? Tem de ser enforcado imediatamente! Agora mesmo, secretário!

GREGARÃO Eu não sou carrasco.

IEPE Você vai ter de servir pelo menos prá isso! Enforque-o e depois se enforque também! O problema não é o poder! É essa chusma de vigaristas que se aproveitam do meu poder! Esse tempo todo que tipo de barão eu fui? Um idiota? Uma besta? Vou mandar enforcar todos vocês!

CALABRAU Eu avisei que isso ia acabar mal.

TESOUREIRO Clemência, senhor!

- IEPE Com cinquenta moedas sustenta uma mulher e sete filhos! Se ninguém enforcá-lo eu mesmo vou fazê-lo. **(ESTICA AS MÃOS PARA O TESOUREIRO QUE FOGE E SE ESCONDE ATRÁS DO BARÃO.)**
- TESOUREIRO Se eu morrer quem vai sustentar meus filhos?
- IEPE Então vou mandar enforcá-los também! Conheço seu tipo. Vocês tiram o couro dos camponeses com impostos. Quando eu era camponês eu jurei enforcar pelo menos um tesoureiro. Não podia fazer isso porque era um Zé Bosta. **(CONFUNDE-SE)** Não, eu nunca fui um camponês... só em outra encarnação. Não importa! Agora eu posso, agora enforco!
- TESOUREIRO Tem piedade da minha mulher ao menos!
- IEPE Ela é bonita? Traz sua mulher aqui. Depois eu decido. **(TESOUREIRO SAI)** Não sei qual a utilidade de vocês depois das modificações que andei fazendo por aqui.
- BARÃO Que modificações?
- IEPE Acabei de falar com o embaixador do duque da Moncávia. Fizemos aliança para atacar o conde Tripeiro de Cranóvia. Já enviei uma declaração de guerra.
- BARÃO O quê? O conde Tripeiro é meu amigo!
- IEPE E o que é que eu tenho a ver com suas amizades? As coisas aqui sou eu que decido. Eu sou o barão! E poder não é feito pra desfrutar, engordar feito porco capão! Poder é para ser exercido, para ser ampliado, para ser multiplicado, para ser alastrado para todo canto e biboca. Meu poder vai ser espriar pelos castelos, se enfiar pelos campos, penetrar nas casas até que não exista nenhum buraco com um homem dentro dele que não saiba que lepe é seu senhor. Porque é assim que fa-

zem os barões, é assim que se exerce o poder! Eu sou o poder!

GREGARÃO Está havendo um mal entendido...

CALABRAU Eu falei que isso ia dar em merda!

BARÃO Essa brincadeira já foi longe demais! Gregarão, chame o capitão e prenda esse homem.

IEPE O capitão se rebelou contra minha autoridade mas, graças à escolta do embaixador, restabeleci a ordem. O capitão está preso. E é prá lá que você vai também. Aliás, vou fazer uma devassa neste castelo porque por causa da minha loucura de achar que sou um campo-nês ninguém quer mais me obedecer!

CALABRAU Ai, meu Deus do Céu!

IEPE Prendam esse homem ou mando enforcar vocês. (**CALABRAU SEGURA O BARÃO**)

BARÃO Você tem coragem de me prender, Calabrau?

CALABRAU Menos coragem eu tenho é de ser enforcado, senhor!

BARÃO Se ele não te enforcar agora eu te enforco depois.

CALABRAU Me ajuda, Gregarão!

GREGARÃO (**BAIXO, PARA O BARÃO**) O calabrau tem razão, senhor. É melhor o senhor ser preso por nós. Fique tranqüilo que nós daremos um jeito nessa confusão.

BARÃO É bom mesmo se prezam os seus pescoços. (**SAEM COM O BARÃO.**)

CENA 3 - A DUALIDADE DE IEPE

(ENTRA O TESOUREIRO COM A MULHER)

IEPE **(ALEGRE)** Essa é sua mulher?

TESOUREIRO É. Mas porque nosso hóspede estava sendo levado preso?

IEPE Para ser enforcado.

TESOUREIRO Mas por que?

IEPE Porque eu posso, porque eu quero. **(RETORNAM GREGARÃO E CALABRAU)**

GREGARÃO **(PARA TESOUREIRO)** A coisa desandou, a brincadeira ficou séria.

TESOUREIRO O que você está dizendo? Ai, meu Deus, é capaz de ele me enforcar de verdade?

CALABRAU Sem pensar duas vezes que é coisa que ele nunca faz.

IEPE Sua mulher tem bons atributos. A senhora tem alguma coisa contra trocar essa besta por mim?

MULHER Essa proposta não é meio indecente?

IEPE Inteiramente indecente.

MULHER E se eu não aceitar?

IEPE Ele vai ser enforcado.

TESOUREIRO Ah!, meu Deus! Aceita se você me ama!

- MULHER *(LENTAMENTE O ROSTO DA MULHER TORNA-SE DRAMÁTICO FRENTE AO IMPASSE, À BEIRA DO PRANTO)* Ali, no meio do salão do castelo, a mulher do tesoureiro ficou imóvel, em prantos, incapaz de tomar uma decisão entre abrir mão de sua honra e aceitar a insolente proposta daquele tirano ou ser responsável pela morte cruel de seu marido.
- GREGARÃO Isso pra quem não conhecia aquela bisca, aquela falsa, aquelazinha, porque o que ela estava mesmo querendo era ganhar tempo e saber o que poderia ganhar, além da morte do marido.
- MULHER Mas isso fica entre nós. Para os outros é melhor a imagem de fragilidade frente a tirania. *(COMPÕEM UMA MÁSCARA DE DOR E CHORA)*
- IEPE Já que ninguém decide, decido eu. Enforcuem o tesoureiro e a viúva vem comigo! *(SAEM A MULHER E IEPE)*
- TESOUREIRO E, agora, o que é que a gente faz?
- CALABRAU Se a gente não pensar logo em alguma coisa eu vou ser obrigado a te enforcar.
- TESOUREIRO Você teria coragem?
- CALABRAU Sou profissional, um servidor.
- GREGARÃO A coisa está mal parada. A escolta do embaixador do duque está prendendo quem o camponês manda.
- TESOUREIRO E o barão, o verdadeiro, não é lá muito benquisto. O povo é capaz de apoiar essa besta do lepe.
- GREGARÃO Temos de fazer alguma coisa.
- CALABRAU Passar para o outro lado!

- TESOUREIRO Estava pensando a mesma coisa.
- GREGARÃO Estão loucos?
- CALABRAU Mas nós somos serviçais, Gregarão! E serviçais servem, não interessa a quem.
- TESOUREIRO Da mesma forma, eu sou um funcionário e funcionário funciona em qualquer situação ou oposição. E, depois, esse lepe talvez seja melhor de manobrar do que o barão.
- GREGARÃO O que parece que não funciona é a cabeça de vocês! Como vocês querem manobrar alguém que não manobra a própria cabeça?
- CALABRAU (**COMICAMENTE DRAMÁTICO**) Como é difícil a vida de quem vive às custas do poder. Quando bajular? Quem bajular? Como bajular? Como equilibrar a lealdade à um patrão que está para cair e o apoio a quem ameaça tomar o poder? A vida é um jogo de sobressaltos!
- TESOUREIRO O que podemos fazer, então?
- GREGARÃO Não trocar o certo pelo duvidoso. Embebedar esse paspalho até que ele caia e ajudar o barão a reconquistar o castelo.
- TESOUREIRO E assim foi feito. (**ENTRA IEPE E A MULHER DO TESOUREIRO**)
- IEPE Ou melhor, assim tentaram fazer, porque lepe tornando-se barão começou a perceber que o poder é mais embriagador do que a bebida. E, então, deu o primeiro passo e frequentou a Associação dos Alcoólicos Anônimos livrando-se do terrível vício para desespero dos serviçais do antigo barão.

- GREGARÃO E verificou-se, então, que algumas pessoas são mais perigosas quando não bebem pois, daí, seguiu-se uma época de desatinos, guerras, saques, violências, tudo dentro da normalidade como sempre fora aquela época e aquele lugar.
- CALABRAU E, dessa época negra, livro algum fez qualquer registro porque só morreram camponeses. E camponês, como se sabe, não merece nem nota ao pé da página da História.
- MULHER Mas, como se sabe também, todo poder é solitário e lepe começou a vagar, só e melancólico, pelos imensos corredores de pedra do castelo.
- IEPE Um dia lepe recordou-se de uma grande paixão e, não resistindo mais à solidão, clamou pela amada: Bebida! Garrafas! Barris e tonéis! **(ARMA-SE UMA GRANDE FESTA ONDE IEPE BEBE MUITO PARA ALEGRIA DOS SERVIÇAIIS DO BARÃO. CAMBALEANTE IEPE PERCORRE O PALCO ABRAÇADO À MULHER DO TESOUREIRO)**
- MULHER O camponês lepe bebeu oitocentos e setenta barris de vinho de vários safras e espécies, tomou 35 jarrões de licores vários, enxugou oitenta e três corotes de aguardente, ingeriu centenas de litros de gin, whisky, tequila, cachaça, martinis e batidas numa pândega que durou vários dias.
- CALABRAU Como resultado mijou torrentes, córregos e rios que alagaram todo o vale até a altura de oitenta e três centímetros. Do valioso líquido, depois de seco e processado, retirou-se uma tonelada e meia de uréia, trezentos litros de amoníaco, setecentos quilos de soda cáustica, entre outros preciosos subprodutos.

- IEPE (**ERGUENDO UM COPO**) Prá que outra coisa serve o poder senão para fazer guerra, enriquecer, lançar impostos e desfrutar!
- MULHER E o barão lepe foi de novo tomado por nostalgia.
- IEPE Todos aqui em volta de mim, meus amigos. Vou contar a vocês uma história que aprendi há muito tempo. Era uma vez um camponês estúpido chamado lepe. Quando veio ao mundo seu lugar nele já estava reservado e era tão pequeno que mal cabia uma casa de dois cômodos. (RI) No mundo, os lugares de barões, secretários, funcionários, donos de terra e de gente importante já estavam todos ocupados. Só havia vaga sobrando para estúpidos, miseráveis e beberrões. O estúpido do lepe bebe porque quando ele chegou ao mundo não tinha mais vaga para coisa que prestasse. Acabou. Aplaudam! (**APLAUDEM**) Mais bebida!
- CALABRAU A adega está seca, senhor.
- IEPE Ou me arruma bebida ou mando enforcá-lo.
- GREGARÃO Tem um restinho aqui.
- IEPE Serve. (**BEBE**) lepe tomou um cálice de rum com suco de laranja e o maldito suco fez-lhe tamanho mal, aze-dou-lhe completamente o estômago e, entrando na corrente sanguínea, subvertou os vapores alcoólicos e lepe dormiu. (**IEPE CAI PESADAMENTE**)

FIM DO TERCEIRO ATO

QUARTO ATO

CENA 1 - IEPE RETORNA À SUA ANTIGA CONDIÇÃO

ENTRA O BARÃO

BARÃO Finalmente, então, o barão pode retomar o domínio de seu castelo após uma guerra feroz com o duque da Moncávia, onde não morreu ninguém a não ser alguns milhares de camponeses.

GREGARÃO Os empregados do barão, mais do que depressa, vestiram lepe com suas antigas roupas e o largaram na mesma beira de caminho onde o encontraram.

BARÃO Depois o barão pensou em acertar contas com seus empregados. Você, tesoureiro!

TESOUREIRO Confesso que surrupio quarenta por cento a mais do que me é devido mas lembro que aumentei vossa arrecadação em cento e trinta por cento. Eu lhe dei um lucro de 90 por cento, portanto. E, depois, não é dinheiro nosso, é de impostos.

BARÃO Calabrau!

CALABRAU Que é que tem?

BARÃO Ia trocar de lado?

CALABRAU Sou sincero: ia! Os homens passam e o cargo fica. Por conseguinte, o cargo é mais importante que o homem. Dessa maneira, um funcionário deve ser fiel ao cargo e o senhor não vai encontrar um funcionário tão sincero

em enaltecer tanto vossas virtudes quanto a indulgência de vosso caráter!

BARÃO

E você, Gregarão?

GREGARÃO

Como qualquer assessor sou pago para ter idéias. Já as consequências delas fogem à minha responsabilidade. E, depois, o pior já passou e vamos nos divertir muito ainda com o estúpido do lepe.

BARÃO

O barão pensou, pensou e concluiu que governar é, principalmente, administrar, da melhor forma, as incompetências. E deu-se por satisfeito com as explicações.

IEPE

Ocorre que, passado um tempo, o barão lepe acordou. **(IEPE ABRE OS OLHOS E GRITA. OS OUTROS CORREM E SE ESCONDEM)** Calabrau, Gregarão! Vinho! **(IEPE OLHA AO REDOR, SURPRESO. TOCA-SE E DESCOBRE-SE NAS ROUPAS DE IEPE. TOCA SUA CABEÇA E DESCOBRE, PELO TATO, O CHAPÉU DE CAMPONÊS. RECEOSO)** Ai, ai, ai, ai, ai! Calabrau! Gregarão! Chamem os médicos porque parece que não pus prá fora toda a alma do camponês! Ah, meu Deus! Essas alucinações parecem tão reais que eu sinto como se fosse, de fato, um camponês que sonhou que era o barão. Ou eu sou o barão, estou dormindo e sonhando que sou o camponês. Ai, ai, ai, vai começar tudo de novo! Calabrau! Gregarão! Apareçam, senão mando enforcar os dois! Apareçam e me acordem! **(CHORA)** E se eu sou o camponês? Se sempre fui um camponês? Não! Não vou ceder à minha própria loucura. Vou defender meu castelo, minha posição, minha nobreza, principalmente porque é melhor ser o barão que sou do que o camponês idiota que pareço ser. Vou lutar até a última gota do vinho que me corre nas veias que é bem melhor do que a beberagem que eu tomava na venda do Jaró! **(DECIDIDO)** Vou dormir e acordar em lençóis de cetim, coberto de peles e de seda que é coisa que

cada homem devia viver pelo menos uma vez na vida!
(FECHA OS OLHOS MENTALIZANDO) Neurolinguística: Sou o barão! Sou o barão! Sou o barão! **(DORME. ENTRA NÉLI)**

NÉLI Enquanto isso, Néli, procurava em cada venda, em cada biboca, notícias do marido. Não vou dizer que ela estava desesperada por que seria grossa mentira mas estava preocupada, sim, porque já se tinha se acostumado à companhia de Iepe. E como se sabe, o ser humano se acostuma a qualquer trolha. **(VÊ IEPE DORMINDO)** Ah!, desgraçado! Você tem pouca bunda para tanta varada que eu quero lhe dar! **(SURRA IEPE QUE ACORDA GRITANDO)**

IEPE Ai, socorro! Quem está me batendo?! Néli? Vade retro! Some, alucinação!

NÉLI **(FURIOSA)** Como é que é, bicho de esterqueira!

IEPE **(AUTORITÁRIO)** Cala a boca, pesadelo do meu sono! Mando lhe enforcar!

NÉLI **(ERGUENDO A VARA)** Eu vou...

IEPE Vai coisa nenhuma, aparição do meio do inferno! Vou dormir de novo para acordar barão. E você não se atreva a perturbar meu sono! **(DORME)**

NÉLI Que meu braço não se canse antes de esfolar sua bunda, condenado! **(BATE EM IEPE QUE ACORDA E CORRE. NÉLI CONTINUA BATENDO ATÉ QUE IEPE FAZ-LHE UM SINAL BRUSCO PARA QUE PARE. NÉLI PÁRA DE BATER E ELE COMEÇA A NARRAR.)**

IEPE Iepe correu e apanhou por sete léguas perfazendo um total de três mil, cento e treze varadas. Para terem uma melhor idéia do corretivo, basta dizer que o braço de

Néli, ao aplicar cada golpe, tinha a potência de um terço de cavalo de força e atingia a fantástica velocidade de 320 quilômetros por hora.

NÉLI No começo, a cabeça de lepe recusava-se a acreditar que aquela surra fosse real e que ele não fosse o barão sonhando que era um camponês. Depois, não teve outra alternativa senão acreditar na sua bunda e nas varadas que ela levava.

IEPE **(PONDO-SE DE JOELHOS)** Pára, Néli! Pára, que eu estive no paraíso!

NÉLI Pois eu vou lhe mandar para o inferno!

IEPE É verdade! Eu era rico, barão, tinha um castelo de mármore e sei que era o paraíso porque você não estava lá!

NÉLI Que paraíso!

IEPE Verdade! Tinha tanta fartura de vinho e comida que só podia ser!

NÉLI Bebeu todo meu dinheiro! Entra enquanto eu descanso este braço. Depois você vai me contar toda história!

IEPE Eu estive no paraíso, Néli. Eu juro! **(SAI)**

NÉLI E enquanto Néli tentava não se acalmar para ter o gosto de bater ainda mais em lepe, apareceram em sua casa dois homens armados.

HOMEM É aqui que mora o camponês lepe?

NÉLI Quem é que quer saber?

HOMEM	Somos homens do barão! (IEPE ENTRA. PERGUNTA COM UM FIO DE ESPERANÇA)
IEPE	Vocês me reconhecem?
HOMEM	Quem é o senhor?
IEPE	(DESANIMADO) Ultimamente estou tendo um pouco de dificuldade em responder essa pergunta. Uns dizem que sou barão, outros que sou lepe.
HOMEM	'teje' preso!
IEPE	É... se vocês são homens do barão e estão me prendendo é porque eu sou mesmo o camponês lepe! O que foi que eu fiz?
HOMEM	Vai ser preso e julgado por ter-se feito passar pelo barão.
IEPE	Eu? (CHORA) Eu juro que não entendo mais nada! (HOMENS AGARRAM IEPE)

CENA 2 - JULGAMENTO E CONDENAÇÃO DE IEPE

(ENTRAM UM JUÍZ, DOIS ADVOGADOS E UM CARRASCO. ESTE ÚLTIMO, UM SUJEITO GROSSEIRO E RAIVOSO, É UMA ESPÉCIE DE MEIRINHO, O RESPONSÁVEL PELA ORGANIZAÇÃO DO JULGAMENTO E DA CENA.)

NÉLI	Quem são vocês? Que fazem em minha casa!
CARRASCO	(GRITA PARA NÉLI) Isso aqui não é mais sua casa! Fora daqui! Isso é uma ordem! (NÉLI SAI CORRENDO. SEM TRANSIÇÃO, PARA O PÚBLICO) E, vocês, imaginem que isso é um tribunal! Isso também é uma or-

dem! E, vejam naquela mal ajambrada figura que entra, a pessoa de um juiz. E ali, dois arremedos de advogados porque isso aqui é um arremedo de julgamento. E para um camponês está bom demais!

IEPE (CHORA) Aqui só o réu é de verdade!

CARRASCO Cala a boca, senão eu começo o julgamento pela execução!

IEPE Ah, é? E se, depois da execução, eu for absolvido?

CARRASCO Aí, então, reconhecemos oficialmente nosso erro!

IEPE Ah, bom!, porque nós, camponeses, também temos nossos direitos!

CARRASCO Já que estão presentes as duas partes principais do julgamento, o carrasco e o futuro executado, tenha início a demonstração de culpa do réu!

JUIZ É verdade que você se vestiu de barão, prendeu o próprio, tomou o castelo, decretou guerras e ameaçou enforcar os empregados?

IEPE Não vou negar. Dormi Zé bosta e acordei barão mas como se deu esse milagre não sei dizer, juro!

CARRASCO Já que ele confessou vamos à execução.

ADVOGADO 1 Não antes de ouvir as partes.

CARRASCO Só estou querendo ganhar tempo.

ADVOGADO A execução vai ser feita mas tudo tem de seguir o rito jurídico.

ADVOGADO 2	Primeiro a acusação ataca, depois a defesa pede absolvição e, após, o juiz decreta a sentença e você executa.
CARRASCO	A ordem dos fatores...
ADVOGADO 2	Não, senhor! Semana passada você cortou a cabeça do réu e depois foi uma dificuldade provar para o júri que ele era culpado.
ADVOGADO	Principalmente porque ele era inocente!
CARRASCO	É verdade. Você foi brilhante!
ADVOGADO 2	Então, deixa-me ser brilhante, de novo, condenando o réu!
ADVOGADO	Só que agora não vai ser tão fácil! O réu tem fortes atenuantes que vão absolvê-lo.
IEPE	Deus abençoe sua boca!
JUÍZ	Posso saber quais?
IEPE	Eu também gostaria de saber.
ADVOGADO	O réu não matou, não roubou, não causou prejuízo.
JUÍZ	Provocou guerras!
ADVOGADO	Que só mataram camponeses que, como se sabe, não contam.
ADVOGADO 2	Tem razão. Mas existe um agravante: ele próprio é um camponês. Peço que o réu seja condenado a ter a cabeça cortada com três machadadas!
CARRASCO	Apoiado!

- ADVOGADO Não concordo! Ele não furtou nada e isso é atenuante suficiente para diminuir uma machadada na sentença!
- IEPE Apoiado!
- JUÍZ Vou ditar a sentença.
- IEPE Justo agora que a gente estava indo tão bem!
- JUÍZ Você confirma as acusações contra você?
- IEPE Não, eu juro por tudo quanto é sagrado que era tudo mentira o que jurei antes.
- JUÍZ Verdade? Bem, aí a coisa muda de figura. Está suspensa a sentença de decapitação.
- CARRASCO Não faça isso!
- IEPE Faz, ele é o juiz!
- JUIZ Condeno o réu a morrer por envenenamento e, quando ele já estiver morto, seu corpo seja pendurado numa forca.
- IEPE E que vantagem maria leva?
- JUÍZ Pelo menos você não perde a cabeça.
- CARRASCO E eu, senhor juiz? (**SUSPIRA MAGOADO**) Quanta desconsideração! Durante anos fui funcionário exemplar, zeloso servidor público, com tantos esquartejamento e decapitações em minha folha de serviço! Mão de cirurgião para trincar pescoços! Já vi condenado brigando pelo prazer de ter sua cabeça cortada pelo meu machado! Isso magoa!
- IEPE Tem piedade de mim, meretíssimo!

- JUÍZ Não é possível. A sentença será executada agora, em presença dessa corte.
- IEPE Posso beber um copo primeiro, antes de beber o veneno, para criar coragem?
- JUÍZ Isso eu permito. (**CARRASCO TRAZ NUMA BANDEJA UMA GARRAFA E UM COPO E NUMA OUTRA UM COPO COM VENENO**)
- CARRASCO Toda a pompa e circunstância de uma belo espetáculo de decapitação trocadas por um veneno vulgar! Isso é banalização da morte! A arte está em decadência neste fim de século! (**SERVE UM COPO A IEPE**) Veneno! Coisa ridícula! Coisa de fresco! (**IEPE BEBE, UM COPO APÓS DO OUTRO**) Deixa cortar o pescoço dele! Pelo menos depois do enforcamento, vai?
- IEPE Clemência!
- JUÍZ Não, Iepe, é muito tarde. O veneno estava misturado com a bebida.
- IEPE Ai! Então, que seja! Eu nunca tive muita sorte neste mundo, mesmo! Espero coisa melhor no outro. Mas do jeito que já morreu gente desde que o mundo é mundo é bem capaz que quando eu chegar lá os melhores lugares já estejam ocupados e só me sobre a rabeira. Aproveito este restinho de vida para me despedir de todos: os barris de carvalho, os alambiques, os tonéis, coletes, garrafões, garrafas e copos cuja lembrança vai aquecer minha alma nas sombras do vale da morte. (**CAI. O JÚRI CAI NA GARGALHADA.**)
- JUIZ Acabou bem. O narcótico fez um bom efeito e ele está dormindo como pedra. (**DOIS ATORES PEGAM IEPE E O ARRASTAM ATÉ UMA CORDA**) Levantem com cuidado para não acordá-lo. (**IÇAM IEPE NUMA CORDA**)

ATADA NUMA ROLDANA. SAEM. ENTRA NÉLI E PARA AO VER IEPE ENFORCADO)

CENA 3 - A RESSURREIÇÃO

NÉLI O impacto da visão do marido enforcado tocou a corda mais sensível do coração de Néli e ela se lembrou dos velhos bons tempos que, na verdade, nem existiram mas frente a morte tudo vira detalhe. E chorou. (CHORA) Amargamente chorou. Chorou por horas das quais essas lágrimas que caem são apenas signo de sua grande e insuspeitada dor. Ah, sei lá! Naquele momento, naquela hora, deu-lhe uma coisa assim... de pele... entende? (**CHORA NOVAMENTE. IEPE ABRE OS OLHOS, ASSUSTADO, VÊ NÉLI E TAMBÉM COMEÇA A SOLUÇAR**)

IEPE Morto! Que bruta dó me dá de mim mesmo! Néli! Néli! Não chora que esse dia chega prá todos. Vai chegar pra você também mas tomara que demore muito tempo porque está muito bom assim: você, viva, aí e eu, morto, aqui, bem longe do alcance da sua vara!

NÉLI Que é isso? Você está morto e pode falar?

IEPE Não tenha medo que não vou lhe fazer mal.

NÉLI Mas como é que você pode falar se está morto?

IEPE Nos últimos dias tenho descoberto muitas coisas estranhas, Néli. Mas me faz um último favor: corre e me compre uma garrafa porque estou com mais sede agora do que quando era vivo.

- NÉLI (IRRITADA) Você não bebeu bastante quando era vivo? Mesmo depois de morto, sua besta, ainda está com sede?
- IEPE Cala a boca e faz o que eu mando!
- NÉLI Nem vivo fala assim comigo quem dirá um morto!
- IEPE Não tenho mais medo de você, sua lacraia, porque não posso mais sentir suas surras!
- NÉLI Vamos ver isso já! (NELI BATE EM IEPE)
- IEPE Ai, ai, ai! Para com isso, Néli, para! Você vai me matar de novo! (JUIZ E ADVOGADOS)
- JUÍZ Chega, senhora!
- NÉLI Não, ele está querendo reviver!
- JUÍZ Parece que nem a morte quis esse. Soltem.
- NÉLI Não! Ele vale mais morto que vivo! Morto, eu posso chorá-lo pelo resto de minha vida mas, vivo, não aguento esse tralha bebum por cinco minutos!
- JUÍZ Fora, daqui!
- NÉLI (CHORA) Eu vou mas deixe essa praga onde está! (SAI)
- IEPE Senhor Juíz, eu estou vivo de novo ou sou um fantasma?
- JUÍZ Está bem vivo porque a lei pode matar um homem e fazê-lo reviver.
- IEPE Então não sou um fantasma?

JUÍZ Não.

IEPE Nem assombração?

JUÍZ É claro que não.

IEPE Então, sou mesmo o mesmo camponês lepe de antes?

JUÍZ Sim.

IEPE Porcaria! Bem que eu podia ter renascido como barão.

JUÍZ Dê-se por satisfeito de ter voltado à vida.

IEPE Depois de tudo, voltar a pisar em bosta e enfrentar a Néli? Não sei se foi bom negócio. (**JUÍZ DÁ-LHE UMA MOEDA**) Assim a coisa muda de figura. Essa moeda vai ser o começo de uma nova vida! (**SAI CORRENDO**)

CENA 4 - EPÍLOGO

IEPE Jaró! Jaró!

JARÓ Benvindo, lepe. Já comprou o sabão prá sua mulher?

IEPE Baixa a cabeça pra falar comigo que você não é mais que um mísero mortal.

JARÓ Que diabo lhe aconteceu?

IEPE Traz uma garrafa e põe um copo que dinheiro não falta. (**MOSTRA A MOEDA. JARÓ SERVE A BEBIDA E IEPE BEBE ENQUANTO CONTA**) Quando saí daqui eu desabei de bêbado, dormi e quando acordei eu era o barão! Comi, bebi, mandei fazer guerra, dormi de novo e quando acordei, puft!: eu era de novo lepe e a Néli

me deu uma surra danada, sem se importar, a maldita, com o homem importante que eu tinha sido! Aí, fui preso, julgado, condenado e morto com veneno. Quando eu estava morto, eu estava enforcado e quando eu estava enforcado eu vivi de novo e por causa disso eu ganhei um bom dinheiro e um nó na cabeça que eu não consigo desatar!

JARÓ Você sonhou, lepe.

IEPE Esse dinheiro é prova que não foi sonho. Põe outra.

JARÓ (*SERVE*) À sua saúde, senhor barão!

IEPE (*BÊBADO*) Você não entendeu nada, Jaró. Você não entende nada! Você sabe porque vende mas não sabe porque bebem sua bebida. (*LUZ VAI FECHANDO EM IEPE*) E lepe, cheio até o tampo, saiu para a noite em direção à sua casa. Forçou a cabeça e tentou imaginar um pedaço do dia seguinte: era o mesmo dia de ontem e de anteontem e nada era seu. Então voltou à venda de Jaró e bebeu mais, até entupir. (*DEITA-SE*) Depois, deitou à beira da estrada e, de dentro da insônia de muitas perguntas, chamou o sono. Para sonhar. Só isso era seu. (*DORME*)

FIM

Qualquer utilização deste texto, parcial ou total, deve ter a autorização do autor:

Luis Alberto de Abreu

Rua Rui Barbosa, 33

09400-000 – Ribeirão Pires – SP

Telefone: (0xx11) 4828-7230

e-mail: luabreu@uol.com.br